

ENTREVISTA COM ROSANA KOHL BINES

LEONARDO GANDOLFI *

PALOMA RORIZ **

O trabalho crítico de Rosana Kohl Bines, construído ao longo de vinte anos de ensino, pesquisa e extensão universitária, vem se consolidando como um pensamento de referência nos estudos da área. Esta entrevista gira em torno da publicação de seu livro *Infância, palavra de risco*, lançado em 2022, uma coletânea de treze ensaios que atestam o empenho da autora na construção de uma visada epistêmica de maior amplitude para as infâncias no âmbito dos estudos contemporâneos de literatura.

1 - O seu livro procura transversalizar de muitos modos, e por meio de muitas vozes, as turbulências da palavra “infância”, para usar uma expressão sua. Na investida crítica dessa aposta, pensar a infância como figura literária significaria, como dito no ensaio de abertura, “percorrer os modos como a ficção materializa um saber e insufla o pensamento”, ao que você acrescenta: “não se trata, pois, de estudar as representações da criança na literatura, mas de perceber a infância como método fabulador-especulativo, como procedimento da ordem do discurso, figura ou tropo desencadeador de uma prática inventiva e reflexiva em linguagem”. Ao mesmo tempo, como vemos na parte final do ensaio “No precipício da língua”, é feita uma importante ressalva acerca do cuidado a ser tomado diante de uma adesão imoderada a um corpo teórico extremamente sedutor e produtivo, com risco de “sobrecarregar teoricamente

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, professor de Literatura Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. Email: leonardo.gandolfi@unifesp.br. Orcid Id: 0000-0003-1885-1498

** Pesquisadora bolsista de pós-doutorado [FAPERJ-PDR-10] em Literatura Comparada junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) do Departamento de Letras da PUC-Rio. Doutora em Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Email: palomaroriz8@gmail.com. Orcid Id: 0000-0001-7324-8785.

o significante ‘infância’, transformando-a numa categoria conceitual abstrata e reiterativa de impasses filosóficos e aporias do pensamento liminar”. Nesse sentido, a sua escrita parece justamente operar na precisão intervalar desse entremeio, por onde transcorre a sucessão de “alianças e transmissões” que atravessa os textos, como resume Leila Dazinger no prefácio. Como lançar mão desse método fabulador-especulativo de pensamento e de escrita sem cair na infância como mera armadilha retórica?

R.K.B.: Não tenho uma resposta resolvida para esta pergunta, que de muitas formas ronda e movimenta o meu trabalho de aproximação à infância, como palavra de risco. Os ensaios reunidos no meu livro buscam pensar as infâncias como acontecimentos discursivos arriscados, que cada narrativa põe em cena à sua maneira, ao se abrir à força das línguas menores. Os personagens e narradores da maioria das obras literárias que discuto são crianças e jovens que contam eventos extremos dos séculos XX e XXI. Entre as pequenas testemunhas e as grandes catástrofes, instalo a minha reflexão. Interessa menos, como vocês bem observam, estudar a representação da criança como figura e mais a figuração da infância como voz enunciativa, como modo de fabulação. A infância como embocadura, como um lugar na boca do texto, onde a língua volta a vacilar, abrindo-se a estados de incerteza e perturbação diante dos desastres narrados. Quando as infâncias ocupam as páginas da literatura, ousam muitas vezes dizer que ainda não sabem falar, transformando os textos em terrenos acidentados e perigosos, que desencaminham a língua articulada nas cercanias do grito, da tagarelice estonteante, da lalação, do balbucio e também do silêncio, criando para os leitores experiências de escuta ampliada de regiões fronteiriças da língua. De um conjunto heterogêneo de obras que abordam a *Shoah*, os conflitos pós-coloniais em África, a queda das Torres Gêmeas, as ditaduras latino-americanas, entre outras experiências extremas, minha pesquisa busca discutir uma potência paradoxal flagrada no *corpus* de estudo. De um lado, observo que a voz enunciativa da infância age como dispositivo intensificador do que Jacques Rancière denomina como "regime do intolerável". A calculada escassez de expedientes linguísticos requintados, da parte de narradores crianças, acaba por expor o horror de modo cru, sem adornos, numa língua mais afinada à *vida nua*, nos termos que Agamben utiliza para descrever processos de desumanização radicais. A perspectiva infantil muitas vezes enseja uma espécie de desnudamento frontal da violência, que ganha dimensões aterradoras exatamente porque narrada em *língua menor*. Quanto mais inaptos

os narradores, quanto mais desaparelhados discursivamente para articular a violência que lhes atravessa, mais palpável se torna o contraste entre a *língua menor* e a força destrutiva que ameaça a todo momento silenciá-los. Como nos mostra o alentado estudo de Reinhard Kuhn, ao mapear a presença ostensiva de corpos infantis na literatura ocidental, “a taxa de mortalidade infantil na ficção é altíssima”. Mas se a inarticulação, literariamente fabricada, dos jovens narradores permite dimensionar o grau de violência e pressão exercido sobre a linguagem humana em situações de risco, também opera paradoxalmente como força de resistência ao extermínio. Minha pesquisa deseja evidenciar e discutir a força estético-política destas pequenas emissões vitais, lendo-as como signos de uma potência do dizer *apesar de tudo*, para usar uma expressão de George Didi-Huberman sobre as “imagens sobreviventes”, que desafiam ameaças de extermínio para ressurgirem no tempo presente como figuras de interpelação de processos de silenciamento. Então como lançar mão de um método fabulador-especulativo de pensamento e escrita, aliado às vozes da infância e às turbulências que desencadeiam na malha dos textos, sem cair na infância como mera armadilha retórica, vocês perguntam? E por armadilha retórica, entendo o risco de se transformar a infância numa coleção eloquente e estável de proposições conceituais, descoladas das modulações sempre singulares que cada texto literário põe em cena, ao chamar uma certa infância como voz literária. Talvez uma forma, sempre tentativa, tantas vezes falhada, de evitar cair nessa armadilha, é insistir na leitura miúda dos textos. Ir até eles com as mãos cheias de perguntas, encorpadas pela especulação teórica que não quer ser camisa-de-força nem dobrar os textos a enunciados prévios. Prestar atenção às infâncias que falam nos textos (a conjugação no plural importa) e aos movimentos matizados que nos convidam a fazer, balançando muitas vezes as convicções especulativas com que iniciamos a jornada. Pego carona na pergunta seguinte para antecipar aqui a ideia de que as infâncias têm algo a nos ensinar sobre modos mais imprevistos de ler e viver a nossa condição discursiva, como quem acaba de chegar a um território desconhecido e tateia com coragem desbravadora “o torvelinho das letras”, na cinética e desorientadora imagem proposta por Walter Benjamin ao descrever a experiência estudantil de estar diante de um livro aberto na biblioteca do antigo colégio alemão.

2 - A partir de um apontamento de Jean-François Lyotard, “há sempre em todo enunciado algo que ainda não começou a dizer”, você esboça a ideia de uma

“ética discursiva” para as formulações que elabora ao redor da infância, no sentido de serem uma “espécie de apelo à invenção de outras formas de viver nossa condição linguística, não como uma conquista definitiva, mas como uma experiência sempre nascente, que nunca está dada de uma vez por todas”, ideia que de algum modo parece ser também apreendida por Francisco Camelo quando diz, em resenha ao livro, da demora “como um método ético de leitura no enfrentamento com as obras examinadas”. É possível pensar a proposta dessa ética discursiva no contexto de novas configurações epistêmicas de afirmação da alteridade nos estudos contemporâneos de literatura?

R.K.B.: A proposta de uma “ética discursiva” implica reconhecer que nossa relação com a linguagem é sempre incompleta, sempre processual, e que os atos de ler e escrever devem enfrentar essa abertura para o inacabado e o emergente. Novas configurações epistêmicas de afirmação da alteridade ampliam perspectivas de mundo e formas de conhecimento, convocando uma atenção crítica aos processos histórico-sociais de marginalização e exclusão, às estruturas institucionais que governam a produção e circulação dos saberes, e aos critérios de legitimidade do que se entende por literário. Crescem as demandas por letramentos críticos que engajem sujeitos no questionamento de estruturas hegemônicas e relações de poder, forjando práticas de leitura e escrita mais diversas, no horizonte da emancipação política e da justiça social. No campo da literatura para as infâncias, por exemplo, circulam cada vez mais histórias protagonizadas por personagens pretas, indígenas, refugiadas, entre outras experiências de infância por tanto tempo ausentes e apagadas da produção infanto-juvenil brasileira (o plural incide também no interior de cada um destes enunciados, complicados ainda pela perspectiva interseccional). A presença dessas infâncias plurais convoca também um trabalho de pesquisa de linguagens, repertórios, personagens, enredos, ritmos, cadências, temporalidades, paisagens, memórias e afetos, forjando imaginários político-poéticos que perturbam e deslocam o predomínio da infância única. São muitas as formas de ser criança, de dizer a infância, e de projetar mundos a partir delas. Vejo esse movimento expansivo de ocupação de espaços historicamente interditados e de alargamento de perspectivas e horizontes epistêmicos como um vetor crítico de intensificação de uma ética discursiva atenta à instabilidade e abertura dos sentidos, à possibilidade de que o sentido venha a ser

sempre outro, vindo de outros lugares, a partir de diferentes experiências e linguagens, sentidos que produzem dissensos, evidenciando conflitos e tensões inerentes ao desafio de se construírem formas (não pacificadas, nem harmônicas) de relação e diálogo, que a atividade literária pode ajudar a imaginar.

3 - No ensaio sobre Anne Frank, você comenta o episódio entre a jovem autora e seu professor. Como forma de punir a aluna que conversa muito durante as aulas, ele exige que ela faça uma redação com o título de “Uma tagarela incorrigível”. Anne então “produz um texto todo em verso sobre três patinhos que foram bicados até a morte pelo pai-cisne, porque grasnavam muito. A engenhosidade da composição encanta o professor, que se curva ao revide bem-humorado e homenageia a estudante, recitando o poema em voz alta, não apenas diante dos colegas de Anne Frank, mas também em várias outras turmas da escola. [...] A conclusão do episódio evidencia o notável poder de ação do poema, capaz de criar cumplicidade entre mestre e aluna, onde antes imperava a hierarquia disciplinadora”. E mais para frente no texto, você acrescenta: “O poema devém ato insurgente, que desloca o interlocutor sisudo de sua posição professoral, propondo-lhe a aquisição de uma nova língua – um qua qua, qua renitente que desabilita a voz impostada do mestre [a redação de Anne se chama 'Quac, quac, quac, tagarelou a dona pata'] conferindo-lhe um novo registro, menos controlado e mais visceral. Afinal, quem aprende a grasnar como os patos abre-se a uma experiência de metamorfose, que afeta a própria autoridade do falante”. Os trechos citados do ensaio abrem várias frentes para pensarmos o poema. Por exemplo, como metamorfose, ou seja, dando a ver identidades sempre em processo, nunca fixas. Sem falar da poesia como “ato insurgente” que pode alterar as relações de poder. A partir desse caso paradigmático, você poderia falar mais um pouco sobre as formas de infância que podem ocorrer por meio da poesia.

R.K.B.: Essa pequena cena do *Diário de Anne Frank* pode mesmo nos levar a uma conversa sobre potenciais enlaces entre infância e poesia, revisitando uma longa tradição de pensamento que tem nas vanguardas artísticas europeias modernas um ponto de inflexão importante. Do ponto de vista formal, o desejo de romper com estruturas poéticas

convencionais aproximou os artistas de uma espécie de caixa de ferramentas da infância, onde foram buscar novos traços, gestos, ritmos, imagens e vocabulários associados a uma certa mitologia dos começos. Reinaugurar a experiência infantil de recém-chegar à língua, como campo aberto de experimentações. Desaprender a maestria acumulada, questionar o domínio da língua, abrir-se ao erro, ao fracasso, à experimentação de desvios e rotas inexploradas. A infância se torna então um laboratório de criação de novas linguagens artísticas. No campo poético, isso se traduziu muitas vezes em um trabalho renovado com materialidade da língua, com a intensificação de jogos sonoros, libertando as palavras da obrigação do sentido, na fronteira do *nonsense*. A força onomatopaica e repetitiva do “quac quac quac” poético de Anne Frank pode ser lida nessa chave disruptiva, como um convite bem-humorado a grasnar sons e ruídos não humanos, que arrastam o idioma para regiões pouco frequentadas pelos adultos. Colocar a língua em modo jogo, repetir palavras exorbitantes sem sair do lugar, desafiar o ordenamento lógico do verso são operações que pegam impulso em certa ideia de infância como local de uma experiência nascente (e desorientadora) de linguagem. Experiência que desafia e subverte modos, digamos, adultocêntricos de controlar o sentido e a direção dos atos de linguagem, questionando a hierarquia de quem manda e de quem obedece, de quem fala e de quem silencia. Pensar a infância como prática insurgente na língua significa também retomar a proposição de Jean-François Lyotard de que há sempre em todo enunciado algo que ainda não começou a dizer. Ele propõe ser a infância uma condição crônica que não nos abandona e que experimentamos na pele toda vez que não encontramos palavras para dizer aquilo que nos acontece, toda vez que a língua falha e resiste a atender aos nossos desígnios e comandos, instaurando um espaço para o “não-dito”, para o inarticulado, para o balbucio que ainda rumoreja na voz de quem aprendeu a falar. Não somos jamais inteiramente adultos em linguagem, ele insiste. Ao falar e escrever estamos sempre e de novo, engatinhando. Infância é o nome dessa experiência interminável com a língua e seus sentidos bambos. E aquilo que escapa à nossa relação de soberania com as palavras convoca também um outro tipo de leitor, ele diz, aquele que deve também assumir que ainda não sabe ler. A infância é assim imaginada por Lyotard também como uma posição de leitura não arrogante. Um estado de não-saber que se torna fundamento de um modo de encontrar o poema como espaço expressivo de dúvidas, titubeios, aventuras e riscos.

4 - Ao discorrer sobre a fotografia de Franz Kafka quando criança, com suas grandes orelhas, e em toda a amplificação benjaminiana da imagem, você propõe pensar a força de uma escuta ampliada, cultivada por Benjamin como uma “política do pensamento”, forjada também na ideia de uma escuta interna muitas vezes acionada por cenas de leitura e do ato de ler como um gesto “vertiginoso de incorporação sinestésica da atmosfera que circula nos livros”. O que isso pode dizer da sua relação com a infância por meio de experiências concretas de vida – algumas mencionadas no texto de apresentação do livro, como os trabalhos feitos no Instituto Benjamin Constant e nos abrigos de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima – e a transposição para as infâncias como acontecimentos discursivos no contexto de um percurso investigativo de pesquisa? Como se dá a passagem de uma escuta “íntima e secreta” do ínfimo para o espaço público?

R.K.B.: Gostaria de tentar uma resposta a esta pergunta, contando um episódio vivido no contexto do projeto de extensão “Histórias de migração e refúgio: narrar, conviver, transformar”, que desenvolvo desde 2022 na Escola Municipal Professora Zuleika Nunes de Alencar na zona oeste do Rio de Janeiro junto com um grupo de professores e alunos de graduação e pós-graduação, vinculados às ações da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da PUC-Rio/ACNUR, com apoio do Instituto de Estudos Avançados da universidade. Estamos tentando construir ali, com a participação de professores e alunos da escola, um conjunto de encontros e experiências interculturais a partir de livros de literatura infanto-juvenil e outras linguagens artísticas, buscando cocriar com os jovens migrantes espaços de escuta, autoexpressão e convivência, criando ambiências hospitaleiras às histórias que as crianças contam sobre as suas experiências de chegar ao novo país, à nova escola, à nova língua, sobre os desafios que enfrentam no ambiente escolar, e as imaginações que desejam e projetam para suas vidas. Numa terça-feira de tarde, no contraturno escolar, um adolescente de 13 anos me chama para um canto da sala de leitura e diz que quer me contar uma história. Ele puxa da estante mais alta um livro, que eu desconhecia. Então nos sentamos nos degraus da escada, lá fora, longe dos demais. Ele não quer que os colegas ouçam o que ele deseja me contar. Ele abre o livro ilustrado *Eu fico em silêncio*, do escritor David Ouimet. É a história de uma menina introvertida e deslocada, que se recolhe em silêncio diante da experiência de recém-chegar a um espaço hostil, que as ilustrações

do próprio autor sugerem ser uma escola: “Quando eu falo, ninguém me entende”, diz a personagem logo no início. “Eu iria embora se pudesse voar”. A personagem segue fabulando seu silêncio ao longo das páginas, segredando aos leitores seus pensamentos e angústias que, pouco a pouco, vão ganhando novos matizes na companhia dos livros que ela descobre na biblioteca daquele lugar. “Quando leio, sei que existem línguas que ainda vou falar”, “Quando eu for ouvida, vou construir cidades com as minhas palavras. Elas não serão silenciosas [...] um dia vou fazer muito barulho”. Nenhuma dessas frases é pronunciada textualmente pelo jovem leitor migrante, enquanto me conta o livro que tem em mãos. Inclusive, me diz logo de início que não gosta de ler livros, contrariando abertamente a premissa que impulsiona a narrativa. *Pero... esse livro assim curtinho que fala que ir para outro lugar não é muito fácil, esse livro eu amei muito, porque é casi igual à minha história.* Não o mesmo, não idêntico. Mas “casi.” É nessa pequeníssima fenda do “quase” que ele empenha a sua voz, construindo com o livro um saber autorreflexivo bastante complexo, que reconhece pontos de contato da sua história pessoal com a história lida, sem, contudo, identificar-se plenamente com o enredo, aproveitando momentos de descaixei entre o vivido e o lido para contar, pelas frestas, uma história singular. Ele pega impulso nas palavras e imagens do livro para tentar dar forma aquilo que viveu, mas ao mesmo tempo ele *de-forma*, com coragem inventiva, algumas situações do livro para que ali caibam as cenas da sua vida. Página a página, ele vai criando, no calor da hora, uma linguagem em mosaico, com pedaços que colhe do livro e pedaços que *empresta* ao livro, sobrepondo ali outras cadências e sotaques, outras paisagens afetivas e conteúdos experienciais, outras frases e apartes que vai enovelando a cada cena que lê, criando um atravessamento vigoroso da sua história com a história da personagem. Numa cena específica do livro, em página dupla, vemos a personagem lendo um livro no alto de uma árvore frondosa. A narrativa diz: “Quando leio, sei que existe um mundo inteiro debaixo dos meus ramos”. Mas o que o ele me conta é: *Eu me sentia sozinho aqui na escola. Quando eu ficava na outra turma, ficava muito sozinho. Ficava sem falar nada assim... Eu não me sentia como... como uma árvore pegando a terra, sabe? Não me sentia assim. Eu me sentia como uma árvore pequenininha. E as outras pessoas eram mais altas e sabiam mais.* Ele vai (re)escrevendo e sendo (re)escrito, simultaneamente, por um livro que de repente ele aprendeu a amar. Aquela história serve como um trampolim ficcional, que o chama à experimentação da força performativa da linguagem na abertura de caminhos

enunciativos próprios, de grande poder imagético, que ele vai desbravando ao ler. Ao me contar a sua história através de episódios “re-fabulados” do livro, não sou apenas eu quem escuta. Ele também está criando uma grande orelha para ouvir as frases em voz alta que vai modelando com tanta precisão e minúcia, à medida que avança na narração. Essa escuta da própria voz em situação de partilha, na perspectiva de transmitir a outros algo que importa contar, fortalece a tomada de palavra pelo jovem narrador, abrindo passagem também para a criação de redes transitivas de conversa e vínculo, que poderão ser amplificadas em diferentes fóruns de discussão sobre direitos, reconhecimento e representatividade de crianças migrantes, refugiadas e apátridas, para ficar apenas no âmbito do trabalho que desenvolvemos atualmente com os estudantes venezuelanos na escola municipal carioca. Vale mencionar o contexto atual de mobilização em torno da 2ª Conferência Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia – 2ª COMIGRAR, organizada pelo Governo Federal com o propósito de consolidar propostas de políticas públicas voltadas a estas populações. Como pesquisadores da Cátedra Sérgio Vieira de Mello PUC-Rio, participamos de diferentes fóruns, municipais, estaduais e nacionais, que convergirão para a Conferência COMIGRAR, o que favorece a construção de canais de comunicação e circulação de propostas pensadas pelos próprios jovens migrantes, em diálogo com a comunidade escolar com quem convivemos. É fundamental que as perspectivas de crianças e jovens migrantes sejam ouvidas e consideradas na construção de políticas públicas que terão impacto em suas vidas, sobretudo no campo da educação brasileira. A passagem da escuta íntima ao espaço público se dá, portanto, a partir da premissa inegociável de que as crianças e jovens são interlocutores efetivos e propositores de mundos. Escutar é, nesse sentido, assumir o desafio político de sermos surpreendidos e deslocados pelo que escutam as crianças do mundo, pelo que elas vivem, pensam, dizem, recusam e sonham, na perspectiva de criar com elas vidas efetivamente interconectadas por um sentido genuíno de diálogo, coexistência, equidade e justiça social.

Rosana Kohl Bines é Professora Associada do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Chicago,

é bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq/PQ – 1D) e seu projeto de pesquisa atual intitula-se “Narrativas de deslocamento e refúgio: o que contam as/às crianças”. Integra a Cátedra Sérgio Vieira de Melo (PUC-Rio/ACNUR), dedicada aos estudos do refúgio e o Centro Primo Levi (Instituto de Estudos Avançados em Humanidades da PUC-Rio), que co-coordena com o Prof. Renato Lessa (Dept. Direito) É curadora literária do acervo do escritor Samuel Rawet, abrigado no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Há mais de 20 anos, atua em caráter voluntário como contadora de histórias na educação infantil do Instituto Benjamin Constant, instituição voltada às pessoas com deficiência visual. Autora dos livros *Infância, palavra de risco* (2022) e *Que histórias contar para os filhos* (2016), além de diversos ensaios e capítulos dedicados aos estudos da infância no campo literário.